

## GUERRAS, INSTINTOS E CENÁRIO ATUAL BRASILEIRO: FREUD EXPLICA?

PREUSS, Fernanda Carina.

## Resumo

O presente artigo tem por objetivo dialogar sobre uma visão psicanalítica da guerra, relacionando os impulsos primitivos as causas da mesma. Além disso, também, ao longo do artigo, se fez uma relação com o cenário político brasileiro atual. No final da primeira mundial, a Liga das Nações Unidas, a partir do então presidente dos Estados Unidos, estabeleceu um jogo de cartas entre vários intelectuais, para dialogar sobre aquele terrível acontecimento, que foi a guerra de 1914 a 1918. Einstein questionava se havia alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra e chegou a declarar que Freud, que por ser o criador da teoria, um estudioso do psiquismo humano e conhecedor da vida instintiva do homem, poderia elucidar e sugerir métodos educacionais que demarcassem caminhos e ações que resolveriam o problema, a ponto de tornar impossível qualquer conflito armado. Ele desejava saber como seria possível, a ausência da guerra, a paz mundial à luz da Psicanálise.

Palavras chave: guerra, instintos, psicanálise.

## 1 INTRODUÇÃO

Freud recorre a sua teoria dos instintos para explicar as causas psicológicas da violência humana. Eros e Tanatos, o construir e destruir, a vida e a morte são resultantes dos instintos do homem que constroem e destroem projetos, civilizações e existências. “Por que a guerra?” texto discutido ao longo do trabalho, elucidada e descortina novas inquietações para os tempos atuais, no qual o homem tem o poder para anular toda a vida, dando vitória absoluta a Tanatos. O texto é antigo, mas ao mesmo tempo, muito atual.

## 2 DESENVOLVIMENTO

## 2.1. A carta de Sigmund Freud para Albert Einstein

De acordo com Monteiro (2002) em 1932, Sigmund Freud (1932/1974), foi escolhido por Albert Einstein, o pai da física moderna, para responder a questão sobre como seria possível evitar uma nova guerra mundial. Isso foi possível porque o Comitê Permanente para a Literatura e as Artes da Liga das Nações orientou o Instituto Internacional para Cooperação Intelectual a promover cartas entre intelectuais de renome a respeito de assuntos dos interesses comuns à Liga das Nações. As duas missivas foram publicadas em Paris, em 1933, em alemão, francês e inglês simultaneamente, tendo sua circulação sido proibida na Alemanha. Habilmente, Freud se desvencilhou da responsabilidade de propor medidas práticas e endossando o que fora colocado por Einstein, anunciou que seguiria seu rastro, ampliando-o com seus conhecimentos ou conjecturas psicanalíticas.

Primeiramente, na carta que Einstein envia a Freud, basicamente, parafraseando Knijnik (2012), o intelectual apresenta uma proposta de criar um tribunal mundial, sendo este, sujeito do mundo. Este tribunal iria pacificar o mundo, os países teriam que abrir mão de seus poderes locais. A partir disso, analisa-se que Einstein tem uma visão muito otimista, quando diz que se o mundo conseguir se juntar, irá se pacificar, irá deslocar a violência para a palavra. “A instituição, por meio de acordo internacional, de um organismo legislativo e judiciário para arbitrar todo conflito que surja entre nações” (VENTURA; SEITENFUS, 2005).

Segundo Ventura e Seitenfus (2005) Einstein dizia que cada nação submeter-se-ia à obediência às ordens emanadas desse organismo legislativo, a recorrer às suas decisões em todos os litígios, a aceitar irrestritamente suas decisões e a pôr em prática todas as medidas que o tribunal considerasse necessárias para a execução de seus decretos. Freud, por sua vez, responde a carta de Einstein, afirmando que esse tribunal mundial não daria muito certo, porque os países não abririam mão de seus poderes, além disso, o autor afirma que a violência é inerente a condição humana. A partir dessas afirmações, Freud se utiliza da teoria psicanalítica para explicar essa questão.

Freud, segundo Oliveira e Herzog (2010) inicialmente, discorre a respeito da dificuldade de se tecer um pensamento psicanalítico acerca do assunto. Na resposta remetida ao físico, confessa sua incapacidade de lidar com o que parecia ser um problema prático, um assunto para estadistas. O psicanalista aponta que, como já

supracitado, a violência humana é inerente à condição biológica do homem, manifesta-se em todos os conflitos de relação a partir do processo mais remoto de socialização. Além disso, de acordo com Venturini e Seitenfus (2005) Freud usa como exemplo, a Liga das Nações Unidas, dizendo que esta não possui poder próprio, e só pode adquiri-lo se os membros da nova união, os diferentes Estados, se dispuserem a cedê-lo, a abrirem mão de suas pulsões. E, no momento, parecem escassas as perspectivas nesse sentido. “O homem é mobilizado por dois instintos ou pulsões, cujas atividades são opostas entre si: a pulsão construtiva, erótica ou Eros e a pulsão destrutiva, de morte ou Tanatos” (OLIVEIRA; HERZOG, 2010).

Conforme Monteiro (2002) Freud afirma que o poder é conquistado e mantido com a violência, que inicialmente se restringia à força muscular, substituída pela capacidade intelectual de construir e ter mais destreza no manejo de novas armas. Baseando-se no texto “Além do princípio do prazer”, escrito em 1920, Freud aprofunda a teoria dos instintos, falando sobre Eros e Tanatos, oposição entre amor e ódio, atração e repulsão, preservar e destruir, entre vida e morte. Explica que um instinto está amalgamado ao outro e muito embora haja a predominância do instinto de morte, ambos são essenciais e atuam concomitantemente nas relações sociais. Além do que haveria nos conflitos bélicos ou não motivos nobres ou vis, declarados ou ocultos, idealistas ou mercenários, mas eles apenas serviriam de fachada para os desejos destrutivos inconscientes. “Em todo caso, como o senhor mesmo observou, não há maneira de eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem. Pode-se tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra” (VENTURA; SEITENFUS, 2005).

Ainda sobre a ideia do tribunal mundial, trazida por Einstein, segundo Ventura e Seitenfus (2005) a violência podia ser derrotada pela união, e o poder daqueles que se uniam representa, agora, a lei, em contraposição à violência do indivíduo só. Vemos, assim, que a lei é a força de uma comunidade. Todavia, ela é ainda violência, pronta a se voltar contra qualquer indivíduo que se lhe oponha. Ela funciona pelos mesmos métodos e persegue os mesmos objetivos. A única diferença real reside no fato de que aquilo que prevalece não é mais a violência de um indivíduo, mas a violência da comunidade. A violência suplantada pela transferência do poder a uma

unidade maior, que se mantém unida por laços emocionais entre os seus membros. O que resta dizer não é senão uma ampliação e uma repetição desse fato.

Trazendo à tona, a pergunta do por que os humanos entram em guerra, pode-se analisar algo que Freud aponta na obra *O mal-estar na civilização*. Freud (1930) alega que chegou numa fórmula que se apresenta da seguinte forma: uma massa psicológica é uma junção de indivíduos que introduziram a mesma pessoa em seu Super-eu, e com base nesse elemento em comum, identificaram-se uns com os outros em seu Eu. Naturalmente ela vale apenas para massas que têm um líder. A partir do momento em que o líder simboliza destruição, isso autoriza a partir para a destruição do outros. Isso explicaria as forças das guerras. Também, pode-se analisar que a partir disso, se deve dar maior atenção aos líderes natos a fim de que eles aprendam a subordinar seus instintos à razão.

No documentário "O século do Ego" (2002), produzido por Adam Curtis, pode-se encontrar a comprovação da teoria de Freud sobre o instinto agressivo. O documentário apresenta um trabalho pós segunda guerra, que foi feito com os soldados americanos. Quando atendidos os soldados não falavam sobre a guerra em si, mas sobre traumas da infância. A guerra reativou as forças primitivas que foram reprimidas há muito tempo. A guerra revelou os enormes impulsos irracionais e violentos na vida das pessoas. A partir disso se cria uma lei de saúde mental, que reconhece que as doenças mentais são um problema nacional nos Estados Unidos. Depois da segunda guerra, o governo americano se deu conta do quão poderosas são essas pulsões, e a partir disso, tentou controlar essas forças. Os americanos acreditavam que o nazismo foi à própria liberação desses instintos agressivos. Surgiram programas para administrar a vida psicológica das pessoas, Anna Freud, foi uma das grandes precursora desse trabalho. Os americanos acreditavam que o nazismo foi a própria liberação desses instintos agressivos.

## 2.2 Eros x Tanatos

Segundo Monteiro (2002), a atuação de Tanatos (agressividade) é inversa à atuação de Eros (amor) e tanto um como outro podem direcionar seu poder de ação para o indivíduo ou para a coletividade. Os conflitos pessoais do homem ao longo de sua existência são causa e efeito dos conflitos maiores que têm ocorrido na

humanidade ao longo de sua história. A violência civil e as guerras reproduzem no macro os embates que ocorrem no micro de qualquer grupo. Ainda que a leitura seja de oposição, no que concerne à Psicanálise, não se deve cair na armadilha simplista do dualismo.

No funcionamento humano, não existe uma pulsão do bem e outra do mal. Ambas estão imbricadas a serviço do homem e são responsáveis pela perpetuação da espécie e renovação da vida. A existência do homem não chegaria a esse nível de complexidade se ambas pulsões não agissem. O processo civilizatório tem provado que elas podem ser dominadas para retro alimentar essa mesma civilização, podem ser educadas, controladas, e usadas a serviço da civilização (MONTEIRO, 2002).

Pragmaticamente, Freud, segundo Oliveira e Herzog (2010) sugere métodos indiretos para combater a guerra, como estimular a atuação de Eros, o antagonista de Tanatos, aprofundando os laços emocionais humanos e motivando a identificação que aproxima os homens e gera a comunhão, o compartilhar. Sinaliza que se deve dar maior atenção aos líderes natos a fim de que eles aprendam a subordinar seus instintos à razão. Freud observa que é preciso analisar a pulsão, que é a base do princípio primordial de funcionamento do aparelho psíquico.

A partir de 1919, Freud (1930) preferiu falar de pulsões: de morte e de vida. Eros, sobrevivência da espécie e do indivíduo, e Tânatos, ameaça da espécie e a preservação do indivíduo. As pulsões de morte dirigem-se para a destruição alheia e visa à autopreservação. Para Freud o Eros-Tânatos reflete a polaridade amor-ódio ou o prazer-desprazer, ligados ao oposto eu-objeto. Se o objeto é fonte agradável de prazer, urge o desejo de trazê-lo para mais perto e de incorporá-lo ao eu, eis o amor. Mas, se o objeto for fonte de desprazer, há uma repulsa por parte do eu que procura fugir e afastar-se dele, de forma a intensificar a rejeição e transformá-la em ódio.

Como salientam Oliveira e Herzog (2010) uma vez que este aspecto de destrutividade se relaciona intimamente com a noção de agressividade, seja ela direcionada ao outro ou ao próprio sujeito, não surpreende que muitos psicanalistas confirmem à pulsão de morte um papel preponderante na determinação das guerras e outros atos violentos coletivos. Anunciando o estatuto determinante da pulsão de morte, nessa passagem, Freud, introduz o conceito como noção que estaria por trás

de uma motivação humana para a guerra, e que estaria além dos referidos fatores históricos, sociais, políticos ou econômicos, ou, pode-se supor, somada a eles.

Conforme Monteiro (2002) quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns francamente declarados, outros jamais mencionados. Entre eles está certamente o desejo da agressão e destruição. Freud prossegue afirmando que a pulsão de morte assume um aspecto destrutivo quando, com o auxílio de órgãos especiais, é dirigida para fora, para objetos. Não obstante, parte desta mesma energia pulsional permanece atuante dentro do organismo, o que pode ocasionar fenômenos normais ou patológicos. Isso explica, por que a força de destruição e terrorismo na guerra, é tão forte por parte dos soldados. São as idéias que se forjam para mover a guerra que provocam este torpor, quase sempre fundado na ilusão do heroísmo. Em época de guerra, o nacionalismo, a xenofobia, o fanatismo religioso e outras enfermidades devem ser suficientemente fortes para transformar outro ser humano num estranho, e logo a seguir num inimigo.

Como já supracitado, não há como eliminar as pulsões, eros e tanatos. O que se pode fazer é desviá-las de tal forma que não encontrem expressão na guerra. Neste sentido, conforme Monteiro (2002) Freud propõe que o domínio da razão seja essencial para que se crie uma civilização voltada para a paz e não para a "barbárie". Assim, as modificações psíquicas das civilizações consistem no deslocamento racional dos fins pulsionais, fortalecer do intelecto, internalizar e sublimar as pulsões agressivas, escolher a paz. Para o pai da psicanálise a guerra trás desilusões. Duas realidades despertam em nós este sentimento: a baixa moralidade dos Estados que se intitulam guardiões dos padrões morais, e a brutalidade dos indivíduos que participam da mais alta civilização. Tudo que leva ao crescimento diminui a guerra. Para que evoluamos, é necessário que se estude, e larguemos mão de nossas superstições (FREUD, 1930).

De acordo com Monteiro (2002) é possível que o pacifismo expresse, exatamente, uma sublimação bem-sucedida desse tipo de pulsão. Ainda assim, não se pode deixar de supor que a pulsão de morte – inclusive em suas manifestações mais cruéis – permaneça atuante até mesmo no psiquismo dos homens mais "civilizados". Aliás, é essa a diferença central entre o discurso psicanalítico e os

discursos pacifistas a respeito da guerra. Estes últimos, de acordo com Oliveira e Herzog (2010) em sua maioria, parecem sustentar o pressuposto – herdeiro de uma tradição filosófica moderna, encarnada por pensadores como Jean-Jacques Rousseau – de que o homem é bondoso por natureza, sendo corrompido e maculado apenas pela ação da sociedade.

Para a psicanálise, ao contrário, há que se considerar a existência de uma força violenta constituinte de qualquer ser humano, desde sua mais tenra infância, cuja oportunidade de satisfação poderá estar esperando por ele numa simples brincadeira de crianças ou no mais sangrento e repugnante campo de batalha. Para Freud há um "mal-estar" rondando civilização, urge uma maior compreensão da relação direito e violência, pulsão e cultura.

### 2.3 Guerras, Instintos e Cenário Político atual Brasileiro

Pensando na guerra, mais precisamente no período que antecede a Segunda Guerra Mundial, percebe-se muitos fatos que se relacionam ao cenário político que o Brasil se encontra. É importante relacionar os impulsos destrutivos, a um exemplo real. Segundo Fausto (1998) a Segunda Guerra Mundial está relacionada com a expansão do totalitarismo na Europa e teve como causa direta o expansionismo germânico naquele período. Além disso, a derrota na Primeira Guerra tornou-se fonte de humilhação e causa de uma grave crise econômica que atingiu a Alemanha na década de 1920. Esse cenário permitiu a ascensão do radicalismo da extrema-direita, cujo expoente máximo foi o nazismo. Os nazistas criticavam os termos do Tratado de Versalhes, defendiam a militarização da Alemanha e tinham opiniões abertamente antissemitas.

O grande precursor do nazismo na Alemanha foi Adolf Hitler. Fausto (1998) aponta que, este era um ex-militar de baixo escalão, que poucas pessoas levavam a sério. Ele era conhecido principalmente por seus discursos contra minorias, políticos de esquerda, pacifistas, feministas, gays, elites progressistas, imigrantes, a mídia e a Liga das Nações, precursora das Nações Unidas. Um discurso que, por sinal, pode ser confundido com o do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

Muitos se perguntam o que levou os alemães apoiarem o fascismo. Os motivos, são diversos. Conforme Fausto (1988) Em primeiro lugar, os alemães tinham perdido

a fé no sistema político da época. A jovem democracia não trouxera os benefícios que muitos esperavam. Hitler sabia como usar a mídia para seus propósitos. Contrastando o discurso burocrático da maioria dos outros políticos, Hitler usava um linguajar simples, espalhava fake News. Muitos alemães sentiram que seu país sofria com uma crise moral, e Hitler prometeu uma restauração da família.

Mas doze anos depois da eleição, o caos estava instaurado, com seis milhões de judeus exterminados e mais de 50 milhões de pessoas mortas na Segunda Guerra Mundial. Mas muitos alemães estavam “sem vontade” de reconhecê-lo ou denunciá-lo. Também, muito se pergunta em como e porque os povos alemães ainda apoiavam o ditador. Segundo Fausto (1998), Hitler apostou no apelo popular por meio de um regime baseado no lema “lei e ordem”. Não são poucos os que preferem a repressão em nome da lei e da ordem em toda parte do mundo. Por isso, o terror trouxe muito mais apoio ao nazismo do que tirou. Hitler prometeu “limpar as ruas”, e a maioria das pessoas aprovou a medida. Os impulsos de ódio estavam mais expostos do que nunca.

Fausto (1998) salienta que isso implica em uma identificação não conflituosa entre o povo alemão e Hitler, considerando-se o habitus forjado ao longo da história alemã e a personalidade deste, cujas necessidades emocionais correspondiam às de seus seguidores. Entretanto, ao mesmo tempo, Elias faz referência à identificação com o opressor, a despeito de todo o ódio e dúvidas que muitos alemães podem ter sentido no fundo de seus corações. Por traz de todos os motivos aparentes para a destruição, estão as forças internas de cada ser humano. Os impulsos de Eros são depositados no líder, enquanto os de Tanatos, ficam a quem está oposto a ele.

Mais um exemplo, envolvendo os dois instintos humanos, está na tragédia das torres gêmeas. Parafraseando a ideia de Monteiro (2002) as manifestações eram tão ambivalentes quanto os sentimentos não assumidos. Se por um lado o acontecido indignava por significar a barbárie de ceifar vidas humanas civis, na rotina diária em seu ambiente de trabalho e sensibilizava por se pensar na angústia daqueles que tiveram tempo de perceber o que estava acontecendo e por se imaginar a dor e o sofrimento dos familiares das vítimas, também havia “uma espécie de gozo inconfessável, sinistro”. Afinal de contas, aquele que se colocava como o dominador, poderoso, despótico, manipulador, cruel e que gozava de todos, finalmente se

revelava como uma farsa do seu próprio imaginário. Era vulnerável, poderia também ser atingido e experimentar o desconforto, a impotência, a perplexidade do dominado como ocorre na relação dialética do senhor e do escravo.

Considerando todas as afirmações acima, pode se assimilar muitas delas a alguns discursos de ódio do presidente Jair Bolsonaro. “O erro da ditadura foi torturar e não matar”, “Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabes disso. E o povo é favorável a isso também”, “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre”, “Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. “As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”, “Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher”, “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?”. Todas essas frases foram ditas por Jair Bolsonaro antes de ser eleito o presidente do país. O discurso de ódio, não o impediu de alcançar o poder. Assim como, Hitler não foi impedido de matar mais de seis milhões de judeus.

Segundo Knijnik (2012) em 1933, Freud, Thomas Mann, Albert Einstein, Marx e Kafka estão entre os autores que têm seus livros queimados em praça pública. Em 1934 as leis de raça invadem a universidade e Freud é cortado da sua lista de membros. Em 1936 o professor Moritz Schlick, membro do Círculo de Viena, é assassinado nas escadarias da universidade por um estudante racista que posteriormente tornou-se membro do partido nazista austríaco. Nos primeiros meses do governo Bolsonaro, o então nomeado presidente da educação, Abrahan Weintraub, anunciou o corte de recursos destinados a universidades e a institutos federais por não apresentarem o desempenho acadêmico esperado e promovessem balbúrdia.

Também, na nova grade curricular do ensino médio, Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais tornaram-se optativas. De acordo com Freud (1930) tudo que leva ao crescimento diminui a guerra. Para que evoluamos, é necessário que se estude, e larguemos mão de nossas superstições. Não é isso que se visualiza no atual governo. Quando se tem um líder nacional, atacando as universidades, querendo retirar as matérias de filosofia e sociologia da grade curricular, como se pensar em uma luta contra a destrutividade, aliás, é a própria destrutividade. Mesmo com todas essas ações, que visam a destruição, ainda existem muitos brasileiros que defendem

a posição de Bolsonaro, tal como, os alemães defendiam Hitler. Novamente os impulsos destrutivos liberados a partir do discurso de ódio, seguem acontecendo. A guerra está sempre oposta a todos os fins pacifistas. "Por que a guerra" é um texto de 1932, mas em 2020 é extremamente atual. É um momento histórico ímpar.

### 3 CONCLUSÃO

Por fim, fazendo uma interpretação mais ampla, e audaz, da carta de Freud a Einstein, que admite a pulsão de morte como inerente ao ser humano, não seria absurdo considerar que a eclosão de uma guerra, de tempos em tempos, é análoga ao retorno de um mesmo que se presentifica na compulsão à repetição, humanidade, desde seus tempos mais remotos. Adotando-se a perspectiva freudiana, seria possível concluir que os motivos declarados de uma guerra – históricos, sociais, políticos e/ou econômicos – atuam como pretextos para que esta repetição volte à tona com toda a sua compulsividade, destrutividade, violência e, particularmente, com seu caráter demoníaco.

Radicalizando este ponto de vista, conclui-se que o ser humano parece, pelo menos a princípio, estar condenado a repetir o fenômeno das guerras. A não ser que encontre meios de sublimar suas pulsões sádicas. Por conseguinte, é possível pensar que o ser humano está talvez condenado a sublimar essa pulsão de morte. Se o processo civilizatório diminui a violência, deve-se investir na verdadeira educação, aquela que gera compromisso, atitudes e atuações que podem tornar o mundo menos violento, menos injusto e mais propício à vida, ao conhecimento e às criações humanas.

### REFERÊNCIAS

FAUSTO, Boris. A interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias. Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131998000100006&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131998000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 maio. 2020. Rio de Janeiro, Boris Fausto, 1998.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920), In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol XIII, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização (1930), In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1933[1932]) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KNIJNIK, Luciana. Freud e Guerra. Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2994/2169>>. Acesso em: 23 maio. 2020.

MONTEIRO, Dalva de Andrade. Guerras: Freud explica? São Paulo, 2002. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792002000100006#B](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100006#B)>. Acesso em 30 abr. 2020.

OLIVEIRA Fernanda H. de; HERZOG, Regina. Guerra Violência e Pulsão de morte: uma articulação não evidente. Maringá, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a17.pdf>>. Acesso em 13 abr. 2020.

Sobre o(s) autor(es)

1 Acadêmica do curso de Psicologia da UNOESC - Campus de São Miguel do oeste. Telefone: (49) 985016119. Email: fernandapreuss45@hotmail.com.